

## O POVO INDIGENA MAXAKALI E SUAS NARRATIVAS MÍTICAS

### *MAXAKALI INDIGENOUS PEOPLE AND THEIR MITICAL NARRATIVES*

**Marivaldo A. Carvalho<sup>1</sup>**  
**Tais Cangussu Galvão Alves<sup>1,2</sup>**  
**Rosana P. Cambraia<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>**Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM**  
**Grupo de Estudos dos Povos Indígenas de Minas Gerais - GEPIMG**  
Mestrado Interdisciplinar em Saúde, Sociedade & Ambiente - PPGSaSA  
UFVJM Campus 1 - Rua da Glória 187, Centro, Diamantina, Minas Gerais, Brasil.  
marivascarvalho@hotmail.com, taiscangussu@hotmail.com, rosacambraia@gmail.com

<sup>2</sup>**Universidade Federal do Espírito Santo - UFES**  
Mestranda em Política Social

#### RESUMO

O pensamento mítico não coloca a natureza ao domínio do homem, mas propicia as comunidades indígenas uma relação mais equilibrada com o ambiente. O objetivo deste artigo é trazer uma abordagem sobre as narrativas míticas elaboradas em uma comunidade indígena Maxakali, no nordeste do Estado de Minas Gerais, Brasil. Entendemos que os indígenas expõem seu conhecimento pelo pensamento mítico para responder aos questionamentos universais. Compreendemos que as relações sociais aparecem refletidas nas simbologias dos mitos, sendo que algumas narrativas míticas são registradas em livros e outras encontram-se ainda conservadas na oralidade. A visão de mundo Maxakali, apresentada em forma de símbolos nas narrativas míticas, são por consequência detectadas nas relações sociais do grupo e também entre o homem e a natureza.

**Palavras chaves:** Indígenas, Maxakali, narrativa mítica.

#### ABSTRACT

The mitical thought doesn't oppose the nature over the man dominance, but it takes the indigenous communities into an equilibrated relation with the environment. The goal of this paper is to take in discussion about mitical narratives elaborated by an indigenous Maxakali community, in the Northeast of Minas Gerais State, Brazil. We perceive that the indigenous explain their knowledge by the mitical thought to respond to the universal inquiries. We understand that the social relations are reflected in the mitical simbology, so some mitical narratives are registraded in books and others conserved in the speach. The Maxakali world visions, presented in the form of simbols in the mitical narratives, are consequently detected in the grupal social relations and also within the man and the nature.

**Keywords:** Indigenous, Maxakali, mythical narratives.

## INTRODUÇÃO

Em lugar, pois, de opor magia e ciência, melhor seria colocá-las em paralelo, como duas formas de conhecimento, desiguais quanto aos resultados teóricos e práticos (...), mas não pelo gênero de operações mentais, que ambas supõe, e que se diferem menos em natureza que em função dos tipos de fenômenos a que se aplicam. (LEVI-STRAUSS, 1962)

O nascimento da ciência moderna no século XVIII, trouxe consigo a associação do pensamento mítico aquilo que é fantasioso, irracional, típico das comunidades entendidas pela teoria evolucionista como primitivas. Já no princípio do século XIX esta idéia veio sendo combatida a partir da teoria estruturalista, e que teve seu marco na antropologia da obra de Levi-Strauss.

O autor de *O Pensamento Selvagem*, ao apresentar um conhecimento minucioso de populações indígenas sobre espécies de animais e vegetais, sugere que este conhecimento, por ser tão sistematicamente desenvolvido, não responde apenas as ‘necessidades do estômago’, como pensava Malianowski, mas também as necessidades intelectuais do ser humano.

De tais exemplos que se podem tirar de todas as regiões do mundo, concluir-se a, de bom grado, que as espécies animais e vegetais não são conhecidas na medida em que sejam úteis; elas são classificadas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas. (LEVI-STRAUSS, 1962)

Entendendo que o pensamento mítico parte de uma mesma condição intelectual que parte o pensamento da ciência moderna, a contradição entre os dois está no fato de o pensamento mítico tentar compreender o universo a partir de uma análise geral, enquanto a ciência busca a compreensão das partes para dar explicações aos fenômenos. É preciso acrescentar que esta diferença principal entre os dois pensamentos, resulta em outra conseqüente diferenciação que coloca o pensamento selvagem em desvantagem, em relação ao pensamento científico como expõe Levi Strauss ao falar da ambição de um conhecimento global:

Na verdade a grande diferença é que esta ambição não tem êxito. Porém nós, por meio do pensamento científico, somos capazes de alcançar o domínio sobre a natureza (...) enquanto o mito fracassa em dar ao homem mais poder material sobre o meio. (LEVI-STRAUSS, 1962, p. 27 e 28)

Em contrapartida podemos compreender que apesar de este pensamento mítico não colocar a natureza ao domínio do homem, possibilita a estas comunidades uma relação muito mais equilibrada com o meio ambiente, através de um diálogo horizontal entre as duas partes, natureza e cultura.

Entendendo que as comunidades indígenas, ainda hoje, expõem seu conhecimento por meio do pensamento mítico para responder aos questionamentos universais, este artigo pretende trazer uma abordagem sobre as narrativas míticas elaboradas pela

comunidade Maxakali, localizada no Vale do Mucuri, em Minas Gerais e subdividida em quatro aldeias.

## POVO MAXAKALI: CANTOS E NARRATIVAS MÍTICAS

O povo Maxakali - originário do Estado da Bahia no Brasil - atualmente está dividido em quatro aldeias<sup>1</sup> no Vale do Mucuri no Estado de Minas Gerais. Adentraram para esta região durante o processo de colonização, para se refugiarem nas matas, pertencem ao grupo linguístico Macro Gê, e falam a língua Maxakali.

O Povo do Canto, como também são conhecidos os Maxakali, apresentam uma relação íntima com a música, já que esta está presente nos rituais religiosos, quando realizam a comunicação com os espíritos Yamiy<sup>2</sup>. A música apresenta-se ainda para o grupo como um elemento central na conservação da língua e das narrativas míticas contadas pelos antepassados. São vários os cantos, e representam tudo o que tem importância para os Maxakali, como os espíritos, os elementos da natureza como a cachoeira, os animais e os alimentos.

Pode surgir ainda um canto a partir da incorporação de um elemento externo a cultura Maxakali, mas que para o grupo tem um significado importante, como é o caso do helicóptero, que além do canto ganhou um lugar no tronco religioso dos Maxakali. Bicalho (2008), explica que a apropriação deste elemento acontece porque o helicóptero possibilita aos indivíduos viajarem as terras distantes como fazem os yamiy.

Se na religião indígena os espíritos viajam a terras distantes e trazem de lá visões que, através do pajé, são descritas a toda a comunidade em cantos e narrativas míticas, nada mais natural que uma máquina que possibilita a qualquer indivíduo realizar que tal façanha seja incorporada ao seu panteão. (BICALHO, 2008, p. 56)

Podemos pensar os cantos como depósito de uma memória ancestral que permeia aspectos da cultura Maxakali até os dias de hoje. Apesar da religião ser um espaço masculino, a mulher ocupa espaço importante - na conservação dos cantos - já que as mais velhas aparecem como guardiãs de determinados cantos. Esta 'posse' dos cantos Maxakali pode se findar a partir do momento que a mulher doa o seu canto para uma outra mulher, e garante a permanência deste na memória dos mais jovens.

Os cantos são sempre transmitidos dos pais para filhos e, idealmente, fazem parte de um repertório que não se perde. Contudo muitos cantos são esquecidos e novos cantos são criados, isto porque, na verdade, a posse de um canto e de seu yamiy correspondente só pode ser efetivada através do conhecimento. (ALVARES, 1992, p. 94)

Os cantos quando traduzidos, são apresentados como narrativas míticas. Existem ainda várias narrativas que são contadas pelos mais velhos para as crianças Maxakali. Estas narrativas míticas que se apresentam em forma de contos, vinham sendo repassadas através da oralidade. Recentemente, com a conquista da escola diferenciada, tem surgido alguns trabalhos voltados para a produção de livros que possibilitem a

<sup>1</sup> Aldeia Água Boa, Aldeia Pradinho, Aldeia Cachoeirinha e Aldeia Verde.

<sup>2</sup> Yãĩy significa na língua Maxakali espírito ou canto, que pode ser compreendido como espíritos cantores.

conservação destas narrativas também pela escrita.

## **SABEDORIA MAXAKALI NO ENCONTRO COM OS YAMIY**

As relações sociais na comunidade Maxakali estruturam-se nos rituais religiosos. Os rituais acontecem quando os Yamiy descem para a terra dos homens e estabelecem contato através dos cantos, que de acordo com o entendimento Maxakali, o momento em que a comunidade encontra a sabedoria que é incorporada nas diversas relações do cotidiano.

O pajé, que é quem guarda os saberes da cultura da comunidade, está sempre presente fazendo a mediação entre os espíritos e os humanos. O momento do ritual é geralmente desenvolvido com a partilha de alimentos entre a comunidade e os espíritos. A sabedoria Maxakali não encontra-se neste sentido fragmentada, mas sim envolvida com várias outras esferas como a saúde e a religiosidade.

Contudo, para os Maxakali, o conhecimento pertence ao mundo dos espíritos. São eles que o trazem aos humanos. Somente os yamiy sabem realizar os procedimentos relacionados aos rituais e mesmo todas as atividades da vida cotidiana (...) É a presença dos espíritos que instaura o estado de cultura entre os homens, fazendo o conhecimento, um bem também presente na vida dos humanos. (ALVARES, 2004, p. 59)

Existe porém na comunidade o espaço reservado à educação escolar, onde as crianças e os professores desenvolvem o trabalho formalizado e imposto pela cultura dos não indígenas. Esta educação escolar, desde o período da colonização, apresentou-se com o intuito de promover o processo de homogenização cultural, seja no sentido de cristianizar os nativos ou garantir mão-de-obra para o mercado brasileiro. Com a Constituição de 1988, os Povos indígenas conquistaram o direito de optar pela educação diferenciada, o que possibilitou avanços na garantia da alteridade destes povos. Esta alfabetização, a partir da Constituição de 1988, vem sendo utilizada pelos professores indígenas Maxakali nas escolas diferenciadas.

Neste sentido as comunidades indígenas que conseguiram sobreviver ao processo de aculturação, podem hoje ensinar suas próprias línguas e sua cultura nas escolas em suas aldeias. No caso dos Maxakali, as crianças aprendem o idioma português somente depois de aprender o Maxakali. A ortografia utilizada na comunidade surgiu nos anos 1960 e 1970, quando um casal de missionários ingleses, de nome Popovich, conviveu com os Maxakali nas aldeias tradicionais, com objetivo de traduzir quatro evangelhos para a língua Maxakali.

Além do aprendizado da língua de origem, o aprendizado oferecido nas escolas diferenciadas Maxakali contemplam também as narrativas míticas, que são apresentadas na aula de língua Maxakali, 'aula de cultura'. A aula de cultura é orientada por alguém que apresenta dentro da aldeia, os conhecimentos que o levam a ser reconhecido como pajé<sup>3</sup>. O pajé vai ensinar para as crianças as narrativas míticas enquanto conhecimento produzido por seus antepassados.

## **UMA NARRATIVA MÍTICA: O SURGIMENTO DO POVO MAXAKALI**

---

<sup>3</sup> O Pajé na comunidade Maxakali é aquele que possui a sabedoria oferecida pelos yamiy. É ele que conduz a maioria dos rituais, e por ele tem se o respeito de toda a comunidade.

(...) temos de aprender como uma totalidade e descobrir que o significado básico do mito não está ligado à sequência de acontecimentos, mas antes, se assim se pode dizer, à grupos de acontecimentos, ainda que tais acontecimentos aconteçam em momentos diferentes da História. (LEVI-STRAUSS, 1987, p. 66)

Apesar da compreensão de mito enquanto uma das várias formas de interpretar o mundo, ainda hoje no espaço escolar brasileiro, a pedagogia utilizada com as narrativas míticas se dá a partir de uma visão fantasiosa, onde os mitos são apresentados apenas para as crianças<sup>4</sup>, como lendas, sem nenhum crédito com a realidade (SILVA, 1995).

Como já exposto, a negação da validade dos mitos enquanto modo de interpretar a realidade não acontece por aqueles que os produz. Neste sentido o povo Maxakali apresenta enorme quantidade de narrativas míticas que são socializadas no espaço da educação escolar da aldeia e refletidas no cotidiano da comunidade. Estas narrativas, na sociedade Maxakali, possuem uma ligação bastante estreita com o ritual religioso.

O momento do ritual acontece quando os espíritos yamiy descem do céu para compartilhar o alimento e a sabedoria. De acordo com a cultura Maxakali somente o homem pode fazer contato com os espíritos, sendo que as mulheres são impedidas inclusive de entrar na casa de rezas. Esta relação entre o homem e o espírito pode ser percebida em uma das narrativas míticas Maxakali, que apresenta a história de um homem que se casou com uma estrela e subiu até o céu, que era um lugar de muita fartura. Depois de ter caçado muitos animais no céu ele desce para a terra porém sozinho, pois a mulher com que tinha se casado era uma estrela, e não uma mulher Maxakali.

Neste sentido podemos compreender que as relações sociais aparecem refletidas nas simbologias dos mitos. No caso exposto por exemplo, podemos compreender que nas relações estabelecidas na aldeia é o homem que caça e que participa do contato com o sobrenatural. O ato da caça significa uma troca entre o caçador e o mundo que denominamos de natureza, vida se alimenta de vida, neste sentido a caça não busca só sanar a fome do estômago, mas também ordenar o mundo vivido. Assim sendo o caçador, aquele que lida com a morte do animal para manter viva sua comunidade, que pode lidar com as coisas da religião, pois o transe do pajé ou xamã é uma “simulação ritual” da morte para poder se adentrar no mundo dos espíritos.(Carvalho, 1985)

Algumas destas narrativas foram inclusive registradas em literaturas e outras encontram-se ainda conservadas na oralidade. As narrativas míticas, enquanto forma de compreender o mundo, passam conseqüentemente por mudanças, logo que esta sociedade carece de novas explicações.

Muita gente pensa que os mitos nada mais são do que descrições deturpadas de fatos que realmente ocorreram. Na verdade, porém, tudo indica que os mitos tem mais a ver com o presente do que com o passado de uma sociedade. Embora as narrativas míticas coloquem os acontecimento de que tratam, em tempos pretéritos, remotos, eles não deixam de refletir o presente. (MELATTI, 1984, p.133)

A visão de mundo Maxakali, apresentada em forma de símbolos nas narrativas míticas, são por consequência detectadas nas relações sociais do grupo e do homem com a natureza. O surgimento da povo Maxakali, por exemplo, é explicado a partir de vários

<sup>4</sup> De acordo com Aracy Lopes da Silva, um dos motivos pelo qual os mitos são utilizados apenas com o público infantil, encontra-se ainda na idéia de mito enquanto produto de povos primitivos, que representam a infância da humanidade.

narrativas, onde o povo surge e ressurgiu a partir do contato do homem com outros elementos.

Um destes ‘renascimentos’ foi contado pelos professores Rominho Maxakali e Pinheiro Maxakali durante algumas visitas à Aldeia Verde Maxakali<sup>5</sup>. A narrativa mítica contada pelos professores, diz que seus antepassados andavam na floresta, caçando animais e colhendo frutas. Eles não tinham mulher, e precisavam ter um filho. Sempre que eles tinham filhos com outros animais que não eram humanos, a prole nunca se parecia com um ser humano, mas sim com um outro animal quadrupede. Certa vez, um homem encontrou a fêmea de um veado, e teve um filho com ela. Quando o filho nasceu, ele percebeu que este se parecia com um homem Maxakali. Os filhos desta vez aprenderam a língua e os rituais, constituindo a comunidade Maxakali.

Após ter contado a história, o professor Rominho escreveu a sua versão na língua Maxakali:

*Hãm itap hai monay xop  
ûpit puxet xip tu yã tap tup  
payã a tik mũũn um pip ah  
há yã ham hipak yõy xok xop hex  
mũn mũk tuk tok pa payã tut  
putuk yita nim huta xetup mũg  
tũmong tu xe õm mũg pa xeyai kaxiy  
ũxehe tumõg tuyã õm haxupep mũnãy  
tuta nõn hãtatu xip kook tuyã yã yã putuk  
xupemãhã tuyã pip hãm hipak kopa  
payã xox top*

O que podemos perceber no entanto é que o povo Maxakali, ao conservar sua língua e sua visão de mundo através do fator denominado por Rubinger com *flexibilidade*, gerou nos dias de hoje, a garantia de uma série de narrativas míticas apresentadas aos questionamentos elaborados pela humanidade.

## AGRADECIMENTOS

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão (Pibex).

## REFERENCIAS

ALVARES, Myriam Martins. Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação aprendizagem e escolarização. **Revista Antropológicas**. Universidade Federal de Pernambuco. 2004. p. 49-78.

BICALHO, Charles. Yãmĩy Maxakali do helicóptero, um “haicai” antropofágico. **Revista Tabebuia Ipê: Índios Pensando Educação**. Universidade Federal de Minas Gerais. 2008. p 53-55.

CARVALHO, Silvia Maria Schmuziger. O trickster como personificação de uma práxis. **Perspectiva: revista de Ciências Sociais**. Universidade Estadual Paulista. 1985. p. 177-189

<sup>5</sup> As visitas eram realizadas por integrantes do Grupo de Estudos dos Povos Indígenas de Minas Gerais (GEPIMG), que desenvolve pesquisa e extensão na Aldeia Verde (Ladainha, MG) deste 2007.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa, Portugal Edições 70 Lda 1987.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**, 1962.

MELATTI, Julio Vezar. **Índios do Brasil**. São Paulo. Hucitec. 1984.

SILVA, Aracy Lopes. **Mito, razão, história e sociedade: Inter-relações nos universos sócio-culturais indígenas**. Temática indígena na escola. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.